

A reprodução das diferenças sociais na perspectiva de Pierre Bourdieu

**aluna: Mariana de Oliveira Martinkovic
semestre: 1º / 2011**

Roteiro de atividades didáticas

Introdução

Este material foi desenvolvido para ser utilizado como material de apoio para o professor de sociologia do ensino médio. As propostas de aulas são apenas sugestões, que poderão ser apropriadas e ajustadas pelo professor de forma a adequar o conteúdo à realidade de cada escola ou turma de alunos. As atividades propostas intentam aproximar a construção teórica de Pierre Bourdieu sobre a reprodução social a exemplos de cotidiano dos jovens, tentando demonstrar a relação que se estabelece entre os mundos subjetivo (indivíduo) e objetivo (sociedade), avaliando a distribuição de capitais que reflete a luta pela transformação ou manutenção do poder dos grupos no espaço social.

A proposta de aulas se baseia em três eixos principais:

- 1) A experiência individual como social e historicamente determinada.**
- 2) O componente cultural como chave para o entendimento das noções de classe social e capital em Bourdieu.**
- 3) *Habitus* e reprodução cultural.**

Cada aula foi pensada para abrigar uma parte expositiva (cujo conteúdo-base se encontra disponível no texto “A reprodução das diferenças sociais na perspectiva de Pierre Bourdieu”) e uma parte direcionada para discussão com os alunos.

Ao final do curso, pensado inicialmente para ser concluído em dois meses - considerando uma aula semanal (sete aulas e mais uma para avaliação), espera-se que os alunos estejam aptos a refletir sobre os mecanismos de reprodução social que permeiam suas vidas, para que estejam atentos para identificar eventuais possibilidades de intervenção sobre a realidade concreta.

RESUMO DAS ATIVIDADES PROPOSTAS

MÓDULO	DINÂMICA DAS AULAS		
<p>Módulo 1</p> <p>A experiência individual como social e historicamente determinada</p>	<p>Aula 1 - Atributos individuais são influenciados pelo meio social</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Aula expositiva – Introdução ✓ Apresentação e discussão de tabela (práticas culturais) ✓ Conclusão ✓ Distribuição de texto para discussão na próxima aula, (c/ orientações de leitura) 	<p>Aula 2 - Desmascarando a ideologia do gosto natural</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Reunião em grupos para leitura e discussão do texto (gosto musical) ✓ Discussão coletiva ✓ Conclusão 	
<p>Módulo 2</p> <p>O componente cultural como chave para o entendimento das noções de classe social e capital em Bourdieu.</p>	<p>Aula 3 - Classe social não se define apenas por critérios de renda – a dimensão cultural</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Preparo da atividade (orientações) ✓ Apresentação de quadro de humor ✓ Discussão (capital econômico e capital cultural) 	<p>Aula 4 - Classe social não se define apenas por critérios de renda – a dimensão cultural</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Breve retomada da discussão da aula anterior (capital econômico e capital cultural) ✓ Aula expositiva, exemplos ✓ Conclusão 	
<p>Módulo 3</p>	<p>Aula 5 – O gosto de classe e a noção de <i>Habitus</i></p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Análise de matéria de revista (produtos de luxo) ✓ Aula expositiva sobre o habitus ✓ Distribuição de texto (conto) para discussão na próxima aula, (c/ orientações de leitura) 	<p>Aula 6 - Família e estilo de vida</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Orientações para discussão em grupo ✓ Análise do material literário (Conto de Mario de Andrade) ✓ Conclusão do professor 	<p>Aula 7 - <i>Habitus</i> e reprodução</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Análise de ilustração (Semana de 22) ✓ Problematização ✓ Debate sobre apostila do MEC ✓ Conclusão do curso

MÓDULO 1: A EXPERIÊNCIA INDIVIDUAL COMO SOCIAL E HISTORICAMENTE DETERMINADA.

Aula 1: Atributos individuais são influenciados pelo meio social

Breve descrição: Mostrar aos alunos que a experiência do indivíduo é influenciada pelo meio social e pelo tempo histórico em que está inserido. Após uma breve introdução em formato de aula expositiva, analisar as práticas culturais no Brasil a título de ilustração.

Objetivo: Apresentar aos alunos a variação das práticas culturais conforme a classe social. Desta forma pretende-se demonstrar que o lugar do indivíduo no espaço social influencia seu estilo de vida.

Previsão de desenvolvimento: 1 aula de 45 minutos.

Recursos necessários: Cópia da tabela – Frequência de práticas culturais. Solicitar que os alunos cole a tabela no caderno, pois ela será utilizada novamente ao final do curso.

Dinâmica utilizada:

✓ Aula expositiva

Desenvolver a noção da experiência individual como algo social e historicamente determinado. Mostrar aos alunos que aptidões são sociais (e não naturais) e que o gosto não é natural, deriva da origem social e de classificações sociais. Cada grupo no espaço social possui representações e gostos próprios relativos a linguagem, vestimenta, comportamento, etc.

✓ Apresentação da tabela

Avaliar com os alunos a tabela abaixo, que é uma reprodução extraída do estudo realizado pelo Ministério da Cultura em conjunto com o IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) sobre políticas culturais, datado de 2007.

De acordo com os dados pode-se notar que há uma relação entre classe e prática cultural.

Obs: nas aulas 3 e 4 esta questão será problematizada mais uma vez, pois a relação classe/renda e cultura não é direta e automática. A apropriação dos bens culturais segue uma rota social e simbólica. Mas esta conclusão somente poderá ser construída ao longo das aulas. Portanto neste primeiro momento do curso a definição de classe social será colocada de forma não precisa.

De acordo com os dados da tabela, pode-se perceber que as práticas culturais no Brasil variam conforme a classe social:

FREQÜÊNCIA DE PRÁTICAS CULTURAIS

Frequência	Práticas Culturais		
	Classe A/B	Classe C	Classe D/E
Sempre assiste TV	85	88	75
Sempre ouve rádio	81	83	74
Sempre vai a shows	14	14	8
Sempre aluga filmes em locadoras	36	27	5
Nunca vai ao cinema	31	61	83
Nunca vai ao teatro	56	81	92
Nunca lê ou consulta livros	41	60	73
Nunca lê ou consulta revistas ou jornais	49	62	75

Fonte: RIBEIRO, V.M. (org.). *Letramento no Brasil*. São Paulo: Ed. Ação Educativa; Ed. Global; Instituto Paulo Montenegro, 2003.

Elaboração: Disoc/Ipea.

In: <http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/livros/cardenosdepoliticas/cadvol3.pdf>, Página 54.

✓ **Discussão com os alunos:**

1. Constatar: as práticas culturais variam conforme a posição do indivíduo no meio social.
2. Averiguar quais as práticas culturais mencionadas na tabela que os alunos daquela turma mais se identificam, ou seja, quais praticam com maior frequência.
3. Averiguar se as práticas culturais daquela turma específica coincidem entre si, ou seja, avaliar se os alunos conformam um grupo social com características próximas ou não.

✓ **Exemplos e Conclusão:**

1. Um músico excepcional, de acordo com esta perspectiva sociológica, não porta um dom natural que lhe qualifica como alguém especial; muito provavelmente ele seguiu uma trajetória influenciada pela família, pelo meio social, pela escola, etc., que impulsionou o desenvolvimento de suas habilidades e reconhecimento de seu trabalho.
2. O filho de uma família da elite dominante não assiste com mais frequência peças teatrais ou lê com mais frequência livros e jornais porque ele tem um gosto natural por estas práticas. Por outro lado o filho de uma família financeiramente pobre deixa de realizar com frequência estas atividades culturalmente valorizadas (cinema, teatro, leitura) porque tenha alguma incapacidade para se apropriar de tais práticas.
3. As capacidades, os gostos, as aptidões individuais não são determinadas por componentes “naturais”, mas têm um componente social muito forte.

Importante: Ao final da primeira aula distribuir o texto a ser discutido na próxima aula:

Gosto musical por samba e choro tem caráter social

Disponível em: <http://www.controversia.com.br/index.php?act=textos&id=7140>

MÓDULO 1: A EXPERIÊNCIA INDIVIDUAL COMO SOCIAL E HISTORICAMENTE DETERMINADA.

Aula 2: Desmascarando a ideologia do gosto natural

Breve descrição: Trabalhar a relação entre gosto e classe social a partir de um texto que resume em linguagem acessível as idéias centrais da tese de doutorado de Dmitri Cerboncini Fernandes (*A inteligência da música popular. A “autenticidade” no samba e no choro*), que constatou a tendência social pelo gosto musical. A tese toma por base a análise das disputas acerca do samba e do choro e da diferenciação empreendida entre as produções autênticas e não autênticas destes gêneros musicais.

Objetivo: Problematizar a questão do gosto natural

Previsão de desenvolvimento: 1 aula de 45 minutos

Recursos necessários: Cópia do texto: “Gosto musical por samba e choro tem caráter social”.

Caso o professor se interesse em acessar diretamente o conteúdo integral da tese de doutorado, o mesmo se encontra disponível em:

<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-15092010-171819/en.php>

Dinâmica utilizada:

✓ **Reunião dos alunos em pequenos grupos.**

Todos os grupos em posse de uma cópia do texto; solicitar que eles debatam o conteúdo, orientando a discussão ressaltando previamente os seguintes pontos:

- 1) O texto relata que o gosto pelo samba, choro ou pagode varia conforme a classe social. Assim, pode-se afirmar que o gosto musical não é determinado apenas por fatores individuais: a posição que o indivíduo ocupa no espaço social é fator que influencia a opção por determinado tipo de música.
- 2) De maneira geral, e de acordo com a pesquisa, o samba de raiz é mais apreciado mais pelas camadas dominantes, e o pagode comercial é mais apreciado pelas camadas populares.
- 3) A definição do que é socialmente aceito e reconhecido como “boa música” (no caso da pesquisa, o samba autêntico) passa pelo universo da crítica. Um determinado grupo de indivíduos (os críticos musicais) atua de forma a selecionar e a julgar as produções musicais, orientando a disputa simbólica em torno da música no sentido da conservação de determinados valores.

✓ **Debate e discussão**

Após o debate entre grupos, abrir a discussão a todos os alunos colocando as seguintes questões:

1. Os seus gostos particulares coincidem, ou não, com os gostos de seus colegas mais próximos e/ou familiares?
2. Alguém já sofreu algum tipo de discriminação por gostar de um determinado tipo de música?
3. Por que o pagode comercial é muitas vezes considerado uma forma de expressão musical inferior a outros tipos de música e até mesmo inferior ao samba “legítimo”?

Texto a ser distribuído aos alunos, disponível em:

<http://www.controversia.com.br/index.php?act=textos&id=7140>

Assunto: Cultura - [30/10/2010 | 10h] - texto nº 7140

Autor: Juliana Cruz

Fonte: USP Notícias

Gosto musical por samba e choro tem caráter social

Gosto pelos gêneros musicais samba e choro tem relação com questões sociais

Juliana Cruz



O gosto musical pode não estar ligado a uma escolha individualizada, mas sim a uma tendência social reafirmada ao longo dos anos. A constatação é do cientista social Dmitri Cerboncini Fernandes, baseada numa análise sócio-histórica das origens do samba e do choro. Segundo o pesquisador, a reprovação ou aceitação desses gêneros musicais urbanos e de seus subgêneros refletem questões sociais.

Em sua tese de doutorado *A inteligência da música popular: a ‘autenticidade’ no samba e no choro*, Fernandes descreve que foi com o surgimento dos primeiros críticos musicais, na década de 1930, que o samba e o choro passaram a ser caracterizados como gêneros. “A denominação em si é anterior a essa época, mas foi com esses intelectuais que o universo simbólico ficou organizado, pois eles disseram o que era e o que não era samba e choro.”

A partir de então, os críticos passaram a valorizar e denominar como ‘autênticos’ o samba e o choro feitos para a comunidade, sem caráter comercial, com raízes pretensamente folclóricas. As produções mais conhecidas, de músicos que faziam mais sucesso nas rádios e atingiam a massa, eram denominadas ‘inautênticas’. “A divisão entre autênticos e inautênticos, embora exista atualmente, não é tão rígida e chapada”, ressalta Fernandes.

A pesquisa também propõe uma análise contemporânea dos gêneros populares urbanos e cria um escala de “autenticidade” com quatro subdivisões: o choro, o samba “tradicional”, o samba dos anos 1980 e o samba dos anos 1990. O choro é tido como o mais legítimo,

seguido do samba representado por personagens surgidos na década de 1960, como Paulinho da Viola. O samba dos anos 1980, ou pagode, é definido pelo estudo como aquele que tenta se ligar ao tradicional, embora não consiga de todo, dado o grande sucesso comercial já obtido. Zeca Pagodinho é um representante desse grupo.

Por último, o samba dos anos 1990, com grupos como Exaltasamba e Soweto, cujos artistas se espelham no grupo anterior e que não chega a ser classificado como samba pelos críticos, mas como “pagode comercial”. Fernandes enfatiza: “Desses subgêneros musicais, o choro e o samba tradicional são tidos pelos intelectuais e críticos como os verdadeiros.”

Público

Fernandes analisou ainda, por meio de entrevistas e visitas a casas de shows, o público de cada um dos subgêneros delimitados pelo estudo e concluiu que o gosto está atrelado às camadas sociais. A maioria das pessoas que gostam das produções da década de 1990 é jovem, com nível escolar mais baixo e moradores da periferia. Já o público do samba da década de 1980 é mais heterogêneo, com pessoas de uma faixa etária um pouco maior e que cursaram faculdade.

O samba tradicional e o choro, por fim, possuem um público composto por uma maioria de pessoas com nível superior em boas faculdades, grande consciência política e que entendem de música. “Isso, de certa forma, reflete uma disputa simbólica entre classes no Brasil”, aponta Fernandes, que completa: “A denominação ‘autêntico’ parece, ao longo da história, ter servido à camada social dominante.”

A tese de doutorado, que foi financiada por bolsa Fapesp, foi orientada pelo professor Sergio Miceli Pessoa de Barros, do Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP.

MÓDULO 2 - O COMPONENTE CULTURAL COMO CHAVE PARA O ENTENDIMENTO DAS NOÇÕES DE CLASSE SOCIAL E CAPITAL EM BOURDIEU.

Aulas 3 e 4: Classe social não se define apenas por critérios de renda – a dimensão cultural

Breve descrição: Introduzir o componente cultural através da análise de um quadro de humor. Lady Kate é um quadro humorístico veiculado semanalmente pela Rede Globo, no programa Zorra Total. Lady Kate é uma emergente social que não domina os códigos da norma culta de comunicação nem as regras de etiqueta da “alta sociedade”. O quadro ridiculariza a tentativa de ascensão social e aceitação de pessoas que, embora possuam alto capital econômico, não se enquadram no espaço social da elite dominante (portadora de capital tanto econômico quanto cultural).

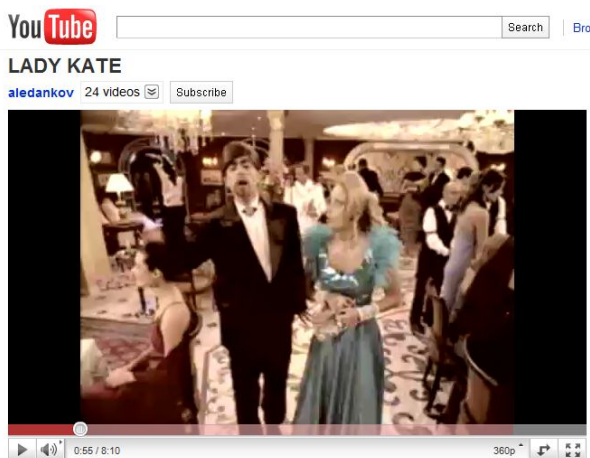
Objetivo: Trabalhar com a idéia de que a estratificação social pode ser analisada levando-se em consideração não somente aspectos econômicos, mas também simbólicos (posse de capital cultural e social).

Previsão de desenvolvimento: 2 aulas de 45 minutos (uma para apresentação do quadro e apresentação de considerações iniciais sobre as noções de classe social e capital cultural – e outra para aprofundar a construção teórica que levará ao entendimento da noção de *habitus*).

Recursos necessários: Projetor ou TV com DVD; episódio disponível em:

<http://www.youtube.com/watch?v=P50GT0p5a5s>

(caso a escola não disponibilize recursos multimídia, os alunos poderão assistir o vídeo na sala de informática ou a partir de qualquer computador com acesso a Internet, bastando acessar o *link* acima).



Dinâmica utilizada:

- ✓ **Apresentação do episódio em sala de aula. Solicitar que os alunos prestem atenção nos seguintes aspectos:**
 - Dificuldade com o manejo da linguagem e com os códigos de conduta daquele ambiente
 - Vestimenta exagerada e diferenciada com relação aos demais participantes da festa
 - Necessidade de mostrar o sucesso aos seus pares
 - Necessidade de aceitação perante a classe superior
- ✓ **Espaço para discussões entre os alunos.**
- ✓ **Aula expositiva**

Os aspectos econômicos não dão conta integralmente da explicação sobre a diferenciação social, sendo o capital cultural também um item de extrema relevância na abordagem bourdieusiana.

Os dois tipos de capital (econômico e cultural) podem ou não estar relacionados:

- Por vezes grupos menos privilegiados financeiramente detêm maior capital cultural (exemplo: classe artística).
- O quadro de humor mostra que não basta o indivíduo ter acesso ao capital econômico para que ele domine as práticas culturais consideradas legítimas ou consideradas sofisticadas e luxuosas (exemplo: classe média ascendente)
- Quando o indivíduo porta os dois tipos de capital simultaneamente, ele possui vantagens sociais.

Retomar a tabela da primeira aula – problematizar o que configura uma classe social?

Os dados produzidos pelo IPEA dividem os grupos sociais entre classes de renda (A, B, C, D, E)... Os levantamentos estatísticos realizados no Brasil se baseiam muito em classificações pautadas no capital econômico, não focalizando a análise também em termos de práticas e atividades culturais (capital cultural). Seria interessante então demonstrar aos alunos a diferença entre estes dois tipos de entendimento de classe social (enfoque econômico e enfoque social-cultural).

Como dito, as classes sociais recortadas pelo estudo do IPEA se pautam basicamente em critérios de renda – discurso este muito absorvido pelo senso comum. De acordo com o enfoque econômico existe uma relação direta entre renda (capital econômico) e consumo de bens culturais sofisticados. De acordo com o enfoque cultural esta relação não é tão direta: os indivíduos que possuem maior capital econômico possuem maior **facilidade de acesso** aos itens culturais, mas não automaticamente se apropriam deles -

as práticas culturais são absorvidas através de um longo processo de familiarização e socialização.

✓ **Exemplo**

Utilizemos como exemplo um indivíduo que possua um acervo literário de livros raros, importantes; ele pode ter adquirido tais bens culturais por duas formas: por herança familiar ou por ascensão social (compra material).

Este indivíduo detém materialmente a posse dos livros. Mas o *status* que ele tem por possuir estes bens não deriva apenas de sua posse material. Ele precisa se apropriar simbolicamente, conhecer a obra, falar com desembaraço sobre seu acervo, para que este bem cultural lhe sirva como uma forma de distinção.

Retomando o exemplo da Lady Kate, ela poderia ter comprado um acervo inteiro de obras artísticas, porém isto não bastaria para que ela pudesse ser considerada integrante de uma elite, pois os seus valores não são os mesmos partilhados pelo grupo que valoriza as obras culturais que ela possui apenas materialmente. Ela não domina os códigos culturais, a etiqueta, a linguagem, que são próprios de uma elite cultural.

Isto não quer dizer que apenas a herança familiar é capaz de determinar o *status* de uma pessoa. Porém a posse do capital cultural que é herdado confere benefícios e vantagens aos integrantes de grupos privilegiados, por lhes conferir mais facilidade de acesso com vistas à sua apropriação, e à reprodução e aquisição de mais capital cultural. Neste sentido a posse de capital econômico e cultural concomitantemente confere mais benefícios ainda ao indivíduo ou grupo de indivíduos.

Então, é importante diferenciar apropriação material e apropriação simbólica. A primeira se refere a aspectos puramente econômicos, a segunda a aspectos culturais. Mencionar que alguém fazer parte da classe A, B ou C, para Bourdieu, não quer dizer que tal indivíduo ou família tem uma renda de xx reais por mês, ou que possui tantos ou quantos bens. A classificação social então deve levar em consideração também o componente simbólico que está por detrás da posse ou apropriação de capitais culturais.

Conforme Bourdieu o capital social é conformado pela posse de capital econômico e também pelo simbólico (cultural), pela rede de relações estabelecida entre os pares e pela facilidade de acesso aos bens culturais. Esta constatação leva ao último módulo do curso: estilos de vida confirmados pelo *habitus* – pela dimensão cultural.

MÓDULO 3 - *HABITUS* E REPRODUÇÃO CULTURAL

Aula 5: Os gostos de classe e a noção de *Habitus*

Breve descrição: Preferências e escolhas individuais, em todos os âmbitos da vida social (cultura, esporte, lazer, vestimenta, alimentação, etc.) são construídas conforme estruturas sociais que se apresentam ao indivíduo. Classificações e ações são balizados por “esquemas incorporados”, pelo *habitus*, de maneira social.

Objetivo: Mostrar que o valor simbólico atribuído a um bem de consumo ou a um bem cultural é definido socialmente. Para tanto será analisada uma matéria de revista sobre bens de consumo luxuosos. Introduzir a noção de *habitus* e distinção.

Previsão de desenvolvimento: 1 aula de 45 minutos

Recursos necessários: Cópia da edição especial da revista Veja, intitulada “Vitrines de Ouro”, página sobre a marca *Diesel*. Disponível em:

http://veja.abril.com.br/vejasp/especial_luxo/p_052.shtml

Dinâmica utilizada: Debate sobre o valor das peças e roupas de marca, valor este atribuído socialmente. Na seqüência, aula expositiva sobre *habitus*.

- ✓ **Distribuição do material, solicitar que os alunos avaliem rapidamente a matéria da revista:**

Diesel

2 350

reais é o preço da calça mais cara. Trata-se do denim gallery, um jeans de série limitada – apenas 500 exemplares são confeccionados por mês

"Se trazemos para São Paulo as peças mais em conta da marca, de 400 reais, elas encaixam."

Esber Hajli
representante da Diesel no Brasil

40 000

calças jeans foram negociadas pela grife no ano passado em São Paulo. A loja do Iguatemi foi a campeã em vendas por metro quadrado entre suas 220 filiais

Famosa por seus jeans confortáveis, com cara de usados, caimento impecável e preços na casa dos quatro dígitos, a italiana Diesel vendeu no ano passado cerca de 40 000 calças em suas duas lojas na cidade. É verdade que esse número representa uma fatia pequena se comparado aos 25 milhões de peças que a marca negociou no mundo no mesmo período. Mas São Paulo já se destaca entre as 220 filiais da grife em 98 países. Para se ter uma idéia, a loja do Shopping Iguatemi é a que mais vende por metro quadrado – quatro vezes mais que a segunda colocada, de Nova York. Fernanda Torres, Marina Lima, Fernanda Lima, Didi Wagner, Luciano Huck e Carolina Ferraz são alguns dos DIP – Diesel Important People – que gastam a partir de 860 reais no jeans de visual surrado que faz muitos, muitos jovens suspirar.



R\$ 2 722,00
Jaqueta feminina azul de pelica



R\$ 1 276,00
Calça feminina keate



R\$ 1 205,00
Calça wadar, com respingos de tinta



R\$ 920,00
Tênis de camurça e náilon



R\$ 5 105,00
Jaqueta masculina de pelica forrada com pele



R\$ 2 350,00
Jeans de série limitada denim gallery

Fonte: http://veja.abril.com.br/vejasp/especial_luxo/p_052.shtml

✓ **Valor Simbólico**

Problematizar o valor atribuído a uma simples peça de vestuário como uma calça, uma jaqueta, um tênis. A finalidade e o valor atribuídos à peça não se referem exclusivamente à sua função imediata. Por exemplo, a calça. Sua função imediata seria a de proteger e cobrir o corpo. Então, qual seria a diferença entre uma calça da marca italiana *Diesel*, que custa até R\$2.500,00, e outra calça comum que poderia custar até 50 vezes menos?

O valor destas peças não se refere ao valor de mercado ou ao valor monetário, simplesmente por meio da agregação de uma etiqueta conhecida; nem pelo valor de custo de produção. Seu valor se refere à distinção que ela confere àqueles que as possuem, ao seu valor de raridade, à construção social de que aquela peça é para poucos. Este é o seu valor simbólico de distinção.

Uma das calças jeans expostas na matéria, que custa R\$1.250,00 possui “respingos de tinta”. Um integrante de uma classe social superior poderia utilizar esta calça como sinal de distinção. Uma mesma calça jeans respingada de tinta e utilizada por um operário da construção civil poderia trazer outra impressão, a de desleixo. Qual é a diferença nestes dois casos? O material (jeans) é o mesmo. Apenas a dimensão simbólica é capaz de fornecer uma explicação. Apenas a construção social acerca de seu valor é capaz de dar pistas sobre esta diferenciação.

Da mesma forma, a partir do momento em que a marca se popularizar (através de falsificações, por exemplo), ela perderá o seu valor de raridade e portanto de distinção, sendo seu uso abandonado pelas classes superiores. As formas de classificação são, portanto, mais sociais do que individuais.

✓ **Habitus**

A partir deste ponto da exposição mostrar aos alunos como as preferências e escolhas individuais se relacionam com as condições do espaço social em que os sujeitos estão inseridos. Os indivíduos incorporam formas de classificação do mundo que servem como norte para suas ações. A sociedade, através da família, da escola, dos amigos e vizinhos, é uma referência para os indivíduos, que agem conforme as condições apresentadas a eles, ajustando suas ações com base em experiências anteriores.

Momento de ressalva: Perguntar aos alunos se eles acreditam que todos os sujeitos expostos a uma mesma realidade social agirão da mesma forma perante determinadas situações.

Em uma situação extrema, dois irmãos que tiveram a mesma formação, receberam as mesmas orientações familiares, estudaram na mesma escola, freqüentaram a mesma

vizinhança, concordarão em tudo e escolherão a mesma trajetória profissional, por exemplo?

A partir da resposta (espera-se que negativa) mostrar que o *habitus* não é uma estrutura que se sobrepõe a individualidade de cada um, mas algo que baliza preferências e ações no espaço social – cada indivíduo internaliza os esquemas sociais de forma única e particular.

Este sistema que gera e influencia ações existe em uma determinada condição social e material. Por isso sujeitos expostos às mesmas condições sociais tendem a desempenhar atitudes similares, tendem a praticar ações conforme o seu meio social.

Ou seja, indivíduos expostos a condições sociais semelhantes tenderão a utilizar roupas parecidas conforme uma mesma tendência de moda, apreciarão um determinado tipo de comida, freqüentarão clubes e atividades culturais similares, se expressarão de forma determinada...

✓ **Proposta de exercício para complementar a exposição:**

A forma de comunicação oral é uma das maneiras de expressão do *habitus* de classe. Através das expressões abaixo seria possível identificar o sujeito por sua posição no espaço social?

	POSIÇÃO SOCIAL	
	“X”	“Y”
Expressão	Estupendo!	Show de bola!
	Olá amigo!	E aí jáo!?
	Obrigado amigo!	Valeu irmão!
	Como vai?	Qual é?

As diferenças entre classes podem ser entendidas a partir da análise do posicionamento na estrutura de distribuição de capitais (econômico e cultural). A posição de um indivíduo ou de um grupo no espaço social pode ser avaliada tomando por base o *habitus* que se refere à uma determinada condição social.

O gosto por uma prática ou por um objeto, a preferência por um determinado esporte ou *hobbie*, por exemplo, se relaciona a um princípio de estilo de vida que revela comportamentos de classe. Por isso, como visto nas primeiras aulas*, preferências e gostos

variam conforme a classe social. A noção de *habitus* é o elo que explica a relação indivíduo e sociedade.

*Para ilustrar estas noções em operação pode-se retomar a tabela da primeira aula que relaciona práticas culturais e classe social, bem como o texto sobre o gosto musical pelo samba, em que fica constatado que o gosto pelo samba tradicional ou pelo pagode varia conforme a idade, escolaridade e capital cultural. Outras questões que poderiam ser utilizadas para exemplificar o *habitus* de classe: gosto por pintura, fotografia, música, atores, decoração, esportes, comida, frequência de visitas a museus, espetáculos, gírias, etc.

Importante: Ao final desta aula distribuir o texto a ser discutido na próxima aula:

O Peru de Natal

Disponível em http://www.releituras.com/marioandrade_natal.asp

MÓDULO 3 - *HABITUS* E REPRODUÇÃO CULTURAL

Aula 6: Família e estilo de vida

Breve descrição: Análise do conto “O Peru de Natal”, de Mario de Andrade. Este conto foi publicado originalmente na década de 40, em Contos Novos (1946), escrito pelo Modernista Mario de Andrade.

Objetivo: Trabalhar com os alunos a idéia de que a família conforma certo estilo de vida aos seus integrantes, mediante a posição ocupada no espaço social. Porém o contato com outros grupos sociais (através da escola, ou no caso, através da amizade com pessoas oriundas de outra classe social) pode inculcar novos valores, não percebidos pela família, conformando um *habitus* diferente daquele esperado para aquele grupo ou indivíduo. Problematizar a distinção derivada do porte de capital econômico e cultural.

Previsão de desenvolvimento: 1 aula de 45 minutos

Recursos necessários: Cópia do Conto “O peru de Natal”.

Dinâmica utilizada: Solicitar que os alunos realizem a leitura do conto (previamente, se possível integrando a atividade com a Disciplina de Língua Portuguesa, para que possam contextualizar o texto e proceder com a interpretação do texto). Após introdução expositiva o professor retoma brevemente o conto, como que o resumindo, até prevendo que nem todos os alunos realizaram a atividade extra-classe. Dividir os alunos em pequenos grupos para que discutam as questões baseadas nos trechos selecionados do conto. Após a discussão o professor deverá concluir a aula demonstrando as relações que podem ser estabelecidas entre o conto de Mario de Andrade, a teoria de Bourdieu e os discursos produzidos pelos alunos.

✓ **Introdução do professor ao exercício**

No conto Peru de Natal, Mario de Andrade retrata o perfil de uma família de posses e gostos modestos, a partir do ponto de vista de um narrador anônimo. Conforme Bourdieu, a posse do capital econômico não é a única determinante de condutas e preferências pessoais. Para ele, práticas e estilos de vida são conformados pelo meio social em que o indivíduo se insere. Neste conto, a rede de relações do narrador, estabelecida fora da família (representada por seu contato com Rose), lhe proporciona novas perspectivas em relação ao valor que atribui ao capital simbólico. Este fato é revelado, por exemplo, no momento em que o narrador revela sua preferência ao vinho francês, em contraposição ao gosto de sua mãe pela cerveja, e também na culpa que os seus familiares demonstram ao consumir um peru inteiro, bem recheado.

✓ Sugestões de questões

1) Com base nas considerações acima, analise os trechos a seguir

“Mas, devido principalmente à natureza cinzenta de meu pai, ser desprovido de qualquer lirismo, numa exemplaridade incapaz, acolchoado no medíocre, sempre nos faltara aquele aproveitamento da vida, aquele gosto pelas felicidades materiais, um vinho bom, uma estação das águas, aquisição de geladeira, coisas assim. Meu pai fora de um bom errado, quase dramático, o puro sangue dos desmancha-prazeres”.

“Não, não se convidava ninguém, era um peru pra nós, cinco pessoas. E havia de ser com duas farofas, a gorda com os miúdos, e a seca, douradinha, com bastante manteiga. Queria o papo recheado só com a farofa gorda, em que havíamos de ajuntar ameixa preta, nozes e um cálice de Xerez, como aprendera na casa da Rose, muito minha companheira. (...) E ficaram logo naquele ar de incenso assoprado, se não seria tentação do Dianho aproveitar receita tão gostosa. E cerveja bem gelada, eu garantia quase gritando. É certo que com meus “gostos”, já bastante afinados fora do lar, pensei primeiro num vinho bom, completamente francês. Mas a ternura por mamãe venceu o doido, mamãe adorava cerveja”.

2) Rose é a pessoa que apresentara ao narrador alguns bens de consumo refinados, distantes de seu meio social. Ela é a única figura do conto referenciada pelo nome. Problematize levando em consideração a distinção social aí estabelecida pelo próprio narrador.

*Espera-se que neste ponto os alunos possam perceber que as noções de “bom”, “superior”, “belo” ou “legítimo” (no caso do conto, os gostos refinados de **Rose**) nada mais são do que construções sociais que variam conforme a posição de onde fala cada sujeito. A classificação social se pauta na distribuição de bens materiais e simbólicos, sendo lida com referência a **cultura considerada legítima**. Estilo de vida das classes populares toma por referência produtos de luxo. Na próxima aula, conclusiva, trabalhar a questão de que estas classes, ao não definirem por si próprias o valor dos bens que consomem, estão fadadas a alienação, proporcionando mesmo que inconscientemente a manutenção do poder das classes cujos gostos e padrões lhes servem como referência.*

O Peru de Natal

Mário de Andrade

O nosso primeiro Natal de família, depois da morte de meu pai acontecida cinco meses antes, foi de conseqüências decisivas para a felicidade familiar. Nós sempre fomos familiarmente felizes, nesse sentido muito abstrato da felicidade: gente honesta, sem crimes, lar sem brigas internas nem graves dificuldades econômicas. Mas, devido principalmente à natureza cinzenta de meu pai, ser desprovido de qualquer lirismo, de uma exemplaridade incapaz, acolchoado no medíocre, sempre nos faltara aquele aproveitamento da vida, aquele gosto pelas felicidades materiais, um vinho bom, uma estação de águas, aquisição de geladeira, coisas assim. Meu pai fora de um bom errado, quase dramático, o puro-sangue dos desmancha-prazeres.

Morreu meu pai, sentimos muito, etc. Quando chegamos nas proximidades do Natal, eu já estava que não podia mais pra afastar aquela memória obstruente do morto, que parecia ter sistematizado pra sempre a obrigação de uma lembrança dolorosa em cada almoço, em cada gesto mínimo da família. Uma vez que eu sugerira à mamãe a idéia dela ir ver uma fita no cinema, o que resultou foram lágrimas. Onde se viu ir ao cinema, de luto pesado! A dor já estava sendo cultivada pelas aparências, e eu, que sempre gostara apenas regularmente de meu pai, mais por instinto de filho que por espontaneidade de amor, me via a ponto de aborrecer o bom do morto.

Foi decerto por isto que me nasceu, esta sim, espontaneamente, a idéia de fazer uma das minhas chamadas "loucuras". Essa fora aliás, e desde muito cedo, a minha esplêndida conquista contra o ambiente familiar. Desde cedinho, desde os tempos de ginásio, em que arranjava regularmente uma reprovação todos os anos; desde o beijo às escondidas, numa prima, aos dez anos, descoberto por Tia Velha, uma detestável de tia; e principalmente desde as lições que dei ou recebi, não sei, de uma criada de parentes: eu consegui no reformatório do lar e na vasta parentagem, a fama conciliatória de "louco". "É doido, coitado!" falavam. Meus pais falavam com certa tristeza condescendente, o resto da parentagem buscando exemplo para os filhos e provavelmente com aquele prazer dos que se convencem de alguma superioridade. Não tinham doidos entre os filhos. Pois foi o que me salvou, essa fama. Fiz tudo o que a vida me apresentou e o meu ser exigia para se realizar com integridade. E me deixaram fazer tudo, porque eu era doido, coitado. Resultou disso uma existência sem complexos, de que não posso me queixar um nada.

Era costume sempre, na família, a ceia de Natal. Ceia reles, já se imagina: ceia tipo meu pai, castanhas, figos, passas, depois da Missa do Galo. Empanturrados de amêndoas e nozes (quanto discutimos os três manos por causa dos quebra-nozes...), empanturrados de castanhas e monotonias, a gente se abraçava e ia pra cama. Foi lembrando isso que arrebentei com uma das minhas "loucuras":

— Bom, no Natal, quero comer peru.

Houve um desses espantos que ninguém não imagina. Logo minha tia solteirona e santa, que morava conosco, advertiu que não podíamos convidar ninguém por causa do luto.

— Mas quem falou de convidar ninguém! essa mania... Quando é que a gente já comeu peru em nossa vida! Peru aqui em casa é prato de festa, vem toda essa parentada do diabo...

— Meu filho, não fale assim...

— Pois falo, pronto!

E descarreguei minha gelada indiferença pela nossa parentagem infinita, diz-que vinda de bandeirantes, que bem me importa! Era mesmo o momento pra desenvolver minha teoria de doido, coitado, não perdi a ocasião. Me deu de sopetão uma ternura imensa por mamãe e titia, minhas duas mães, três com minha irmã, as três mães que sempre me divinizaram a vida. Era sempre aquilo: vinha aniversário de alguém e só então faziam peru naquela casa. Peru era prato de festa: uma imundície de parentes já preparados pela tradição, invadiam a casa por causa do peru, das empadinhas e dos doces. Minhas três mães, três dias antes já não sabiam da vida senão trabalhar, trabalhar no preparo de doces e frios finíssimos de bem feitos, a parentagem devorava tudo e ainda levava embrulhinhos pros que não tinham podido vir. As minhas três mães mal podiam de exaustas. Do peru, só no enterro dos ossos, no dia seguinte, é que mamãe com titia ainda provavam num naco de perna, vago, escuro, perdido no arroz alvo. E isso mesmo era mamãe quem servia, catava tudo pro velho e pros filhos. Na verdade ninguém sabia de fato o que era peru em nossa casa, peru resto de festa.

Não, não se convidava ninguém, era um peru pra nós, cinco pessoas. E havia de ser com duas farofas, a gorda com os miúdos, e a seca, douradinha, com bastante manteiga. Queria o papo recheado só com a farofa gorda, em que havíamos de juntar ameixa preta, nozes e um cálice de xerez, como aprendera na casa da Rose, muito minha companheira. Está claro que omiti onde aprendera a receita, mas todos desconfiaram. E ficaram logo naquele ar de incenso assoprado, se não seria tentação do Dianho aproveitar receita tão gostosa. E cerveja bem gelada, eu garantia quase gritando. É certo que com meus "gostos", já bastante afinados fora do lar, pensei primeiro num vinho bom, completamente francês. Mas a ternura por mamãe venceu o doido, mamãe adorava cerveja.

Quando acabei meus projetos, notei bem, todos estavam felicíssimos, num desejo danado de fazer aquela loucura em que eu estourara. Bem que sabiam, era loucura sim, mas todos se faziam imaginar que eu sozinho é que estava desejando muito aquilo e havia jeito fácil de empurrarem pra cima de mim a... culpa de seus desejos enormes. Sorriam se entreolhando, tímidos como pombas desgarradas, até que minha irmã resolveu o consentimento geral:

— É louco mesmo!...

Comprou-se o peru, fez-se o peru, etc. E depois de uma Missa do Galo bem mal rezada, se deu o nosso mais maravilhoso Natal. Fora engraçado: assim que me lembrara de que finalmente ia fazer mamãe comer peru, não fizera outra coisa aqueles dias que pensar nela, sentir ternura por ela, amar minha velhinha adorada. E meus manos também, estavam no mesmo ritmo violento de amor, todos dominados pela felicidade nova que o peru vinha imprimindo na família. De modo que, ainda disfarçando as coisas, deixei muito sossegado que mamãe cortasse todo o peito do peru. Um momento aliás, ela parou, feito fatias um dos lados do peito da ave, não resistindo àquelas leis de economia que sempre a tinham entorpecido numa quase pobreza sem razão.

— Não senhora, corte inteiro! Só eu como tudo isso!

Era mentira. O amor familiar estava por tal forma incandescente em mim, que até era capaz de comer pouco, só-pra que os outros quatro comessem demais. E o diapasão dos outros era o mesmo. Aquele peru comido a sós, redescobria em cada um o que a quotidianidade abafara por completo, amor, paixão de mãe, paixão de filhos. Deus me perdoe mas estou pensando em Jesus... Naquela casa de burgueses bem modestos, estava se realizando um milagre digno do Natal de um Deus. O peito do peru ficou inteiramente reduzido a fatias amplas.

— Eu que sirvo!

"É louco, mesmo" pois por que havia de servir, se sempre mamãe servira naquela casa! Entre risos, os grandes pratos cheios foram passados pra mim e principiiei uma distribuição heróica, enquanto mandava meu mano servir a cerveja. Tomei conta logo de um pedaço admirável da "casca", cheio de gordura e pus no prato. E depois vastas fatias brancas. A voz severizada de mamãe cortou o espaço angustiado com que todos aspiravam pela sua parte no peru:

— Se lembre de seus manos, Juca!

Quando que ela havia de imaginar, a pobre! que aquele era o prato dela, da Mãe, da minha amiga maltratada, que sabia da Rose, que sabia meus crimes, a que eu só lembrava de comunicar o que fazia sofrer! O prato ficou sublime.

— Mamãe, este é o da senhora! Não! não passe não!

Foi quando ela não pode mais com tanta comoção e principiou chorando. Minha tia também, logo percebendo que o novo prato sublime seria o dela, entrou no refrão das lágrimas. E minha irmã, que jamais viu lágrima sem abrir a torneirinha também, se esparramou no choro. Então principiiei dizendo muitos desaforos pra não chorar também, tinha dezenove anos... Diabo de família besta que via peru e chorava! coisas assim. Todos se esforçavam por sorrir, mas agora é que a alegria se tomara impossível. É que o pranto evocara por associação a imagem indesejável de meu pai morto. Meu pai, com sua figura cinzenta, vinha pra sempre estragar nosso Natal, fiquei danado.

Bom, principiou-se a comer em silêncio, lutosos, e o peru estava perfeito. A carne mansa, de um tecido muito tênue boiava fagueira entre os sabores das farofas e do presunto, de vez em quando ferida, inquietada e redesejada, pela intervenção mais violenta da ameixa preta e o estorvo petulante dos pedacinhos de noz. Mas papai sentado ali, gigantesco, incompleto, uma censura, uma chaga, uma incapacidade. E o peru, estava tão gostoso, mamãe por fim sabendo que peru era manjar mesmo digno do Jesusinho nascido.

Principiou uma luta baixa entre o peru e o vulto de papai. Imaginei que gabar o peru era fortalecê-lo na luta, e, está claro, eu tomara decididamente o partido do peru. Mas os defuntos têm meios visquentos, muito hipócritas de vencer: nem bem gabei o peru que a imagem de papai cresceu vitoriosa, insuportavelmente obstruidora.

— Só falta seu pai...

Eu nem comia, nem podia mais gostar daquele peru perfeito, tanto que me interessava aquela luta entre os dois mortos. Cheguei a odiar papai. E nem sei que inspiração genial, de repente me tornou hipócrita e político. Naquele instante que hoje me parece decisivo da nossa família, tomei aparentemente o partido de meu pai. Fingi, triste:

— É mesmo... Mas papai, que queria tanto bem a gente, que morreu de tanto trabalhar pra nós, papai lá no céu há de estar contente... (hesitei, mas resolvi não mencionar mais o peru) contente de ver nós todos reunidos em família.

E todos principiaram muito calmos, falando de papai. A imagem dele foi diminuindo, diminuindo e virou uma estrelinha brilhante do céu. Agora todos comiam o peru com sensualidade, porque papai fora muito bom, sempre se sacrificara tanto por nós, fora um santo que "vocês, meus filhos, nunca poderão pagar o que devem a seu pai", um santo. Papai virara santo, uma contemplação agradável, uma inestorvável estrelinha do céu. Não

prejudicava mais ninguém, puro objeto de contemplação suave. O único morto ali era o peru, dominador, completamente vitorioso.

Minha mãe, minha tia, nós, todos alagados de felicidade. Ia escrever «felicidade gustativa», mas não era só isso não. Era uma felicidade maiúscula, um amor de todos, um esquecimento de outros parentescos distraidores do grande amor familiar. E foi, sei que foi aquele primeiro peru comido no recesso da família, o início de um amor novo, reacomodado, mais completo, mais rico e inventivo, mais complacente e cuidadoso de si. Nasceu de então uma felicidade familiar pra nós que, não sou exclusivista, alguns a terão assim grande, porém mais intensa que a nossa me é impossível conceber.

Mamãe comeu tanto peru que um momento imaginei, aquilo podia lhe fazer mal. Mas logo pensei: ah, que faça! mesmo que ela morra, mas pelo menos que uma vez na vida coma peru de verdade!

A tamanha falta de egoísmo me transportara o nosso infinito amor... Depois vieram umas uvas leves e uns doces, que lá na minha terra levam o nome de "bem-casados". Mas nem mesmo este nome perigoso se associou à lembrança de meu pai, que o peru já convertera em dignidade, em coisa certa, em culto puro de contemplação.

Levantamos. Eram quase duas horas, todos alegres, bambeados por duas garrafas de cerveja. Todos iam deitar, dormir ou mexer na cama, pouco importa, porque é bom uma insônia feliz. O diabo é que a Rose, católica antes de ser Rose, prometera me esperar com uma champanha. Pra poder sair, menti, falei que ia a uma festa de amigo, beijei mamãe e pisquei pra ela, modo de contar onde é que ia e fazê-la sofrer seu bocado. As outras duas mulheres beijei sem piscar. E agora, Rose!...

Disponível em http://www.releituras.com/marioandrade_natal.asp

MÓDULO 3 - *HABITUS* E REPRODUÇÃO CULTURAL

Aula 7: *Habitus* e reprodução

Esta aula será dividida em duas partes.

Parte 1

Breve descrição: A primeira será direcionada para a análise de ilustração sobre a “Semana de 22”. A imagem foi divulgada no Jornal Folha da Noite em 22/02/1922, cinco dias após o término do evento.

Objetivo: Trabalhar com os alunos a noção de que o *habitus* tende à inércia, porém não se constitui em algo imutável, como pode ser notado em movimentos de renovação no campo artístico, cultural ou literário.

Previsão de desenvolvimento: ½ aula de 45 minutos

Recursos necessários: Cópia da ilustração

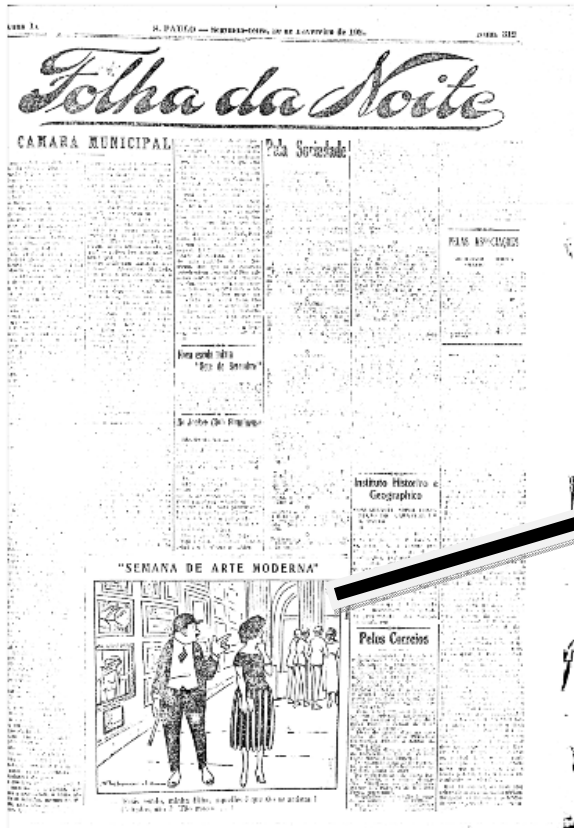
Dinâmica utilizada:

Introduzir brevemente os alunos ao advento da Semana de Arte Moderna de 22, evento que pode ser considerado um marco da vanguarda artística e cultural do país, inaugurando o movimento modernista que influenciou diversos campos da produção brasileira, das artes plásticas à literatura e à música.

Solicitar que os alunos analisem a ilustração brevemente, atentando para a fala do pai.

Realizar uma explanação sobre a figura, mencionando o contexto de sua publicação (a ilustração a seguir foi extraída do Jornal Folha da Noite, tendo sido publicada cinco dias após o término da “Semana de Arte Moderna”, que ocorreu entre os dias 13 e 17 de fevereiro de 1922 no Theatro Municipal de São Paulo).

Concluir: a vestimenta das duas pessoas em evidência na figura demonstra que são representantes de uma elite dominante. A fala do pai à sua filha, depreciando o grupo de artistas ao fundo (com se estivessem “perdidos”), revela o olhar conservador que tenta manter, inconscientemente, o valor cultural dos bens artísticos consumidos e apropriados simbolicamente por seu grupo no espaço social. A legitimidade destes bens simbólicos está sendo questionada por um grupo de vanguarda, provocando potencialmente a desestabilização da ordem estabelecida.



"SEMANA DE ARTE MODERNA"



Estás vendo, minha filha, aqueles é que são os artistas!

Coitados, não? Tão moços...!

Fonte: Folha da Noite, 20/02/1922. N.312

Parte 2

Breve descrição: Problematizar a valorização da norma culta enquanto forma de distinção social, expressa no caso da polêmica instaurada pela distribuição da apostila do Ministério da Educação - “Por uma Vida Melhor”. A apostila foi distribuída nacionalmente pelo MEC para turmas de EJA, causando discussões em vários âmbitos da sociedade ao propor aceitação de erros de concordância com o intuito de diferenciar norma culta e norma falada.

Objetivo: Mostrar aos alunos a forma com que os valores culturais são defendidos pela sociedade, envolvendo neste jogo não apenas as classes dominantes, mas também as dominadas, que absorvem o discurso legitimado.

Previsão de desenvolvimento: ½ aula de 45 minutos

Recursos necessários: Cópia da matéria de jornal; cópia do trecho da apostila.

Dinâmica utilizada:

Aula expositiva: tratar a questão da linguagem como bem simbólico utilizado como meio de diferenciação e distinção.

Relatar aos alunos a polêmica ocorrida com a distribuição da apostila do MEC.

Solicitar que os alunos leiam os trechos selecionados da apostila e a matéria no jornal que apresenta três opiniões distintas (Heloisa Ramos, uma das autoras do livro; Evanildo Bechara, da Academia Brasileira de Letras; Pasquale Cipro Neto, professor de português e colunista do Jornal).

Inquirir os alunos sobre se alguma vez eles já foram vítimas de “preconceito lingüístico”. Pedir para que se distribuam em três grupos conforme alinhamento a uma das três opiniões expostas no artigo, para que defendam seus pontos de vista.

Problematizar:

A defesa da norma culta, através, por exemplo, do discurso dos acadêmicos, pode ser considerada uma forma de a classe dominante manter o seu *status* mediante o domínio da linguagem e da desvalorização da norma popular?

Ou

A defesa da norma popular seria uma forma de naturalizar diferenças, considerando que os alunos oriundos de classes populares não são capazes de se familiarizarem com a norma culta?

Ou

A defesa da norma popular seria uma forma valorizar a cultura popular em oposição ao discurso dominante?

O domínio da linguagem a partir do ponto de vista da norma culta pode ser considerado como uma forma de porte de capital simbólico e, portanto, de distinção social. Os indivíduos que, pelo histórico familiar ou escolar, não tiveram acesso aos meios de

aquisição deste bem simbólico podem sofrer o dito preconceito lingüístico em um contexto em que a norma culta é tomada por única legítima. A apostila do MEC gera uma polêmica, pois afirma que não existe uma única forma correta de falar, considerando que, dependendo do contexto, o indivíduo pode abrir mão da norma culta em sua comunicação.

Concluir o curso trabalhando a questão da distribuição desigual de poder na sociedade, que não se dá pela ação direta de um grupo sobre outro, mas por uma rede de relações complexas que envolvem a participação ativa tanto de dominantes quanto de dominados. Nesta luta, a violência é simbólica (como exemplifica o caso da apostila do MEC) e a dominação se operacionaliza por meio de aspectos culturais.

Livro distribuído pelo MEC defende errar concordância

Texto entregue a jovens e adultos afirma que é possível dizer 'os livro'

Para ministério, obra segue os Parâmetros Curriculares Nacionais, pelos quais não há uma forma 'certa' de falar

DO RIO

Um livro didático para jovens e adultos distribuído pelo MEC a 4.236 escolas do país reacendeu a discussão sobre como registrar as diferenças entre o discurso oral e o escrito sem resvalar em preconceito, mas ensinando a norma culta da língua.

Um capítulo do livro "Por uma Vida Melhor", da ONG Ação Educativa, uma das mais respeitadas na área, diz que, na variedade linguística popular, pode-se dizer "Os livro ilustrado mais interessante estão emprestado".

Em sua página 15, o texto afirma, conforme revelou o site IG: "Você pode estar se perguntando: 'Mas eu posso

falar os livro?'. Claro que pode. Mas fique atento porque, dependendo da situação, você corre o risco de ser vítima de preconceito linguístico".

Segundo o MEC, o livro está em acordo com os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) —normas a serem seguidas por todas as escolas e livros didáticos.

"A escola precisa livrar-se de alguns mitos: o de que existe uma única forma 'certa' de falar, a que parece com a escrita; e o de que a escrita é o espelho da fala", afirma o

texto dos PCNs.

"Essas duas crenças produziram uma prática de mutilação cultural que, além de desvalorizar a forma de falar do aluno, denota desconhecimento de que a escrita de uma língua não corresponde inteiramente a nenhum de seus dialetos", continua.

Heloisa Ramos, uma das autoras do livro, disse que a citação polêmica está num capítulo que descreve as diferenças entre escrever e falar, mas que a coleção não ignora que "cabe à escola ensinar as

convenções ortográficas e as características da variedade linguística de prestígio".

O linguista Evanildo Bechara, da Academia Brasileira de Letras, critica os PCNs.

"Há uma confusão entre o que se espera da pesquisa de um cientista e a tarefa de um professor. Se o professor diz que o aluno pode continuar falando 'nós vai' porque isso não está errado, então esse é o pior tipo de pedagogia, a da mesmice cultural", diz.

"Se um indivíduo vai para a escola, é porque busca ascensão social. É isso demanda da escola que lhe ensine novas formas de pensar, agir e falar", continua Bechara.

Pasquale Cipro Neto, colunista da **Folha**, alerta para o risco de exageros. "Uma coisa é manifestar preconceito contra quem quer que seja por causa da expressão que ela usa. Mas isso não quer dizer que qualquer variedade da língua é adequada a qualquer situação."

“Você pode estar se perguntando: ‘Mas eu posso falar os livro?’. Claro que pode. Mas fique atento porque (...) você corre o risco de ser vítima de preconceito linguístico. Muita gente diz o que se deve e o que não se deve falar e escrever, tomando as regras estabelecidas para a norma culta como padrão de correção de todas as formas linguísticas

Trecho do livro didático "Por uma Vida Melhor"

Fonte: Folha de São Paulo, 14/05/2011 – Caderno Cotidiano, Página C6.

Capítulo 1

Escrever é diferente de falar

(...)

Em primeiro lugar, não há um único jeito de falar e escrever. A língua portuguesa apresenta muitas variantes, ou seja, pode se manifestar de diferentes formas. Há variantes regionais, próprias de cada região do país. Elas são perceptíveis na pronúncia, no vocabulário (fala-se “pernilongo” no Sul e “muriçoca” no Nordeste, por exemplo) e na construção de frases.

Essas variantes também podem ser de origem social. As classes sociais menos escolarizadas usam uma variante da língua diferente da usada pelas classes sociais que têm mais escolarização. Por uma questão de prestígio — vale lembrar que a língua é um instrumento de poder —, essa segunda variante é chamada de **variedade culta** ou **norma culta**, enquanto a primeira é denominada **variedade popular** ou **norma popular**.

Contudo, é importante saber o seguinte: as duas variantes são eficientes como meios de comunicação. A classe dominante utiliza a norma culta principalmente por ter maior acesso à escolaridade e por seu uso ser um sinal de prestígio. Nesse sentido, é comum que se atribua um preconceito social em relação à variante popular, usada pela maioria dos brasileiros. Esse preconceito não é de razão lingüística, mas social. Por isso, um falante deve dominar as diversas variantes porque cada uma tem seu lugar na comunicação cotidiana. (p. 12)

Exemplo 1 – p.15

Os livro ilustrado mais interessante estão emprestado.

livro (masculino, singular) → os (masculino, plural)
ilustrado (masculino, singular)
interessante (masculino, singular)
emprestado (masculino, singular)

Você acha que o autor dessa frase se refere a um livro ou a mais de um livro? Vejamos:

O fato de haver a palavra *os* (plural) indica que se trata de mais de um livro. Na variedade popular, basta que esse primeiro termo esteja no plural para indicar mais de um referente. Reescrevendo a frase no padrão da norma culta, teremos:

Os livros ilustrados mais interessantes estão emprestados.

Você pode estar se perguntando: “Mas eu posso falar ‘os livro?’”

Claro que pode. Mas fique atento porque, dependendo da situação, você corre o risco de ser vítima de **preconceito linguístico**. Muita gente diz o que se deve e o que não se deve falar e escrever, tomando as regras estabelecidas para a norma culta como padrão de correção de todas as formas linguísticas. O falante, portanto, tem de ser capaz de usar a variante adequada da língua para cada ocasião.

Exemplo 2 – p.16

Na variedade popular, contudo, é comum a concordância funcionar de outra forma. Há ocorrências como:

Nós pega o peixe.

nós → 1.ª pessoa, plural
pega → 3.ª pessoa, singular

Os menino pega o peixe.

menino → 3.ª pessoa, ideia de plural (por causa do “os”)
pega → 3.ª pessoa, singular

Nos dois exemplos, apesar de o verbo estar no singular, quem ouve a frase sabe que há mais de uma pessoa envolvida na ação de pegar o peixe. Mais uma vez, é importante que o falante de português domine as duas variedades e escolha a que julgar adequada à sua situação de fala.

SUGESTÕES DE ATIVIDADES AVALIATIVAS:

- 1) As preferências (estéticas, musicais, esportivas, etc) se relacionam somente a aspectos individuais ou também à origem social (família, grau de instrução, posição sócio-econômica)? Por quê?
- 2) Considere as seguintes constatações:
 - A. As práticas culturais tomadas por legítimas são aquelas valorizadas pelos detentores de maior capital cultural;
 - B. Estas práticas legítimas se relacionam à facilidade de acesso e ao consumo e apropriação de livros, filmes, teatro, óperas, etc.
 - C. As camadas populares são as que consomem com menos frequência estes itens de cultura considerados “legítimos” e mais importantes.

Sob este ponto de vista, quais as implicações sociais da diferenciação no padrão de consumo entre as classes?